

Noves fora, só vai ficar a metade

Rovênia Amorim
Da equipe do **Correio**

Paulo de Araújo 9.4.99



As crianças que estudam na rede pública de ensino e suas famílias já recebem quase tudo o que o governo está prometendo com o programa que deverá substituir o Bolsa-Escola

Trocar o Programa Bolsa-Escola pelo Sucesso no Aprender vai sair mais barato para o Governo do Distrito Federal (GDF). A economia pode chegar até a 50%. Bom para o governo, ruim para as famílias que vão receber cesta básica e um kit de material escolar, em vez de sacar R\$ 136 todo mês no Banco de Brasília (BRB), segundo pesquisadores de programas para redução da pobreza.

“O Bolsa-Escola traz as famílias de um patamar de miséria para o da pobreza digna. E contribui para a auto-estima das mães, que se sentem mais valorizadas porque vão gerir o dinheiro e ainda passar a acompanhar mais de perto os estudos dos filhos”, diz a socióloga Nair Heloísa Bicalho de Sousa, autora de uma pesquisa com abordagem qualitativa do projeto que tem sido praticado no DF — *As Famílias Beneficiárias do Programa Bolsa-Escola*. A conclusão a que chegou é de que o programa proporciona qualidade de vida.

“As mães faziam mágica. Compravam roupa, comida, fruta e o remédio do menino. As famílias administravam aquele dinheiro de uma forma que dava para todas as múltiplas necessidades delas”, relata Nair, que estudou o dia-a-dia de 65 famílias beneficiárias de Ceilândia, Planaltina e Paranoá. Os motivos da secretária de Educação, Eurides Brito, para não abrir novas inscrições ao Bolsa-Escola são outros e não passariam pela questão financeira.

Com base em pesquisas, Eurides afirma que o rendimento dos bolsistas estava sendo inferior aos dos demais alunos da escola. Uma das hipóteses levantadas pela secretária para esse baixo desempenho escolar seria a prioridade das famílias carentes em “matar a fome”. Os R\$ 136 da bolsa acabavam, então, segundo ela, sendo gastos com comida, em detrimento de material escolar.

O Programa Sucesso no Aprender, na avaliação da secretária, resolveria o problema, com a doação mensal de cesta básica à família e de um kit de material escolar, inclusive uniforme e mochila, a cada um dos filhos de 7 a 14 anos matriculados em escola pública.

MENOS VERBA ATÉ COM ROUPA

A conta foi feita junto ao comércio de material escolar, pois Secretaria de Educação não informou

Técnicos da Secretaria de Educação estudam quais materiais (e em que quantidade) vão compor o kit-aluno. O que foi anunciado até agora é que a cesta escolar conterá mochila, cadernos, lápis e borracha, apontador, régua, cola e lápis de cera. Também falta definir se o uniforme (camiseta, bermuda, calça, casaco, meia e tênis) será doado duas ou três vezes ao ano.

A secretária Eurides Brito não quis dar mais informações sobre o Sucesso no Aprender. Quanto, por exemplo, se pretende gastar com o programa nos próximos três anos. O que ela adiantou, há duas semanas, é que serão atendidas 55 mil crianças de 7 a 14 anos: 20 mil no primeiro ano, 20 mil no segundo e 15 mil no terceiro.

Mas, com base no custo de uma cesta básica para o GDF e o preço de mercado de kit completo de material escolar montado pelas papelarias, é possível chegar a uma estimativa de quanto o programa vai custar. Uma cesta do Pró-Família, distribuída mensalmente pela Secretaria de Solidariedade, sai por R\$ 27,30, incluindo o frete. É um kit completo (*veja observação abaixo*) para aluno da 5ª a 8ª série pode ser encontrado por

R\$ 17,90. Para alunos da 1ª a 4ª série, o kit sai ainda mais em conta: R\$ 11,90.

Com base nesses números e considerando que as famílias beneficiadas pelo Bolsa-Escola têm, em média, dois filhos entre 7 e 14 anos na escola, a Secretaria de Educação gastaria hoje R\$ 21,2 milhões para doar cestas básicas a 27,5 mil famílias e material escolar e uniforme a 55 mil crianças. Esse valor inclui a entrega de uniforme completo para os alunos, duas vezes ao ano. O valor do kit utilizado no cálculo foi o da 5ª a 8ª série, de maior valor.

Se o governador Joaquim Roriz tivesse decidido cumprir à risca a promessa de campanha — duplicar o número de famílias beneficiadas pelo Bolsa-Escola —, o GDF teria de desembolsar hoje R\$ 44,8 milhões para pagar um salário mínimo por mês a 27,5 mil famílias. Ou seja, o Bolsa-Escola ficaria 52,7% mais caro que o novo programa.

O resultado é semelhante quando se faz o cálculo sobre os cinco anos de existência do Bolsa-Escola. De maio de 1995 até setembro deste ano, o governo destinou R\$ 117,7 milhões. Foram 25.680 famílias e 50.416 crianças beneficiadas. Se nesse período o programa em vigor fosse o Sucesso no Aprender, o GDF gastaria bem menos — R\$ 69,9 milhões, ou seja, 47,4% do valor gasto com o Bolsa-Escola.

AS DOAÇÕES JÁ EXISTIAM

Maioria das famílias vem recebendo a cesta básica e alunos têm assistência de médicos e dentistas

No cálculo das estimativas, não foram considerados os custos operacionais — que são maiores para o Sucesso do Aprender, por envolver mais funcionários e uma complexa rede de distribuição. Em compensação, não se computaram os descontos que o governo obterá com a compra de material escolar e uniformes em grande quantidade. É provável ainda que muitas famílias carentes que serão selecionadas para o

Sucesso no Aprender já estejam recebendo a cesta básica do Pró-Família. Nesse caso, a despesa do governo seria ainda menor.

Os gastos que o novo programa terá com a assistência médico-odontológica aos 55 mil alunos também não foram considerados. O Programa Integrado de Saúde Escolar existe desde 1979 e, a rigor, tem a filosofia de atender a todos os alunos matriculados em escolas públicas. Somente este ano, de março a novembro, 260 mil crianças já passaram por avaliações médi-

ANÁLISE DA NOTÍCIA

JEITO TORTO DE CUMPRIR PROMESSA

O governador Joaquim Roriz é goiano, nasceu em Luziânia, mas tem jeitinho mineiro na hora de cumprir promessas de campanha. Foi assim com os 28% prometidos aos servidores do GDF. Nos debates políticos, ele desafiava o adversário do PT, assegurando que o aumento era possível. A mágica foi revelada logo no primeiro mês de governo, mas de um jeito torto.

O reajuste apareceu somente no contracheque dos servidores da administração direta, que representam menos de 20% do quadro total de funcionários.

Outro truque para economizar dinheiro foi dar o reajuste sobre o vencimento básico do servidor — valor bem menor em relação à remuneração final, que inclui gratificações e conquistas trabalhistas. E os 28% ainda vieram em forma de abono, um aumento ilusório, que não é incorporado ao salário e pode ser suspenso a qualquer momento.

Ao decidir substituir o Bolsa-Escola, o governador Roriz usa novamente o jeitinho tortuoso para cumprir a promessa de campanha — duplicar o número de beneficiários, de 25 mil

famílias para 50 mil. Extingue o programa de maior sucesso do seu antecessor, mas dá um nome de Sucesso do Aprender ao de seu governo e, de sobra, ainda economiza.

O dinheiro que deixa de ir para famílias de novos bolsistas pode ampliar o atendimento social. A economia significa mais cestas, mais pães vitaminados e mais saquinhos de leite. E, de quebra, o governador Roriz mata de vez o incômodo de se ver obrigado a duplicar um programa que ganhou no Brasil todo a marca do PT. (RA)

AS PRINCIPAIS DIFERENÇAS

	Bolsa-Escola	Sucesso no Aprender
Beneficiados	50.416 alunos (1995 a 1999)	55 mil alunos (2000 a 2003)
Gasto	R\$ 117,7 milhões (até setembro de 1999)	R\$ 21,2 milhões (estimativa para atender 27,5 mil famílias e 55 mil crianças)
Funcionamento	O dinheiro é sacado nas agências do BRB	A cesta será distribuída nos 26 postos do Pró-Família, nas cidades onde a família mora, e o kit do aluno deve ser entregue na escola onde ele estuda
Fiscalização	A avaliação era feita a cada dois anos por 130 alunos da UnB, que recebiam uma bolsa	A Secretaria de Educação não adiantou como será feito o controle
Equipe destacada	de 1995 a 1998, uma	Está sendo constituída e deve ser maior: A distribuição de cestas do Pró-Família requer uma equipe de 169 funcionários

cas e odontológicas.

A economia com a troca dos programas seria bem maior se entrasse no cálculo o dinheiro revertido aos bolsistas aprovados. O Programa Poupança-Escola paga, no final de cada ano, um salário mínimo como estímulo ao esforço desses alunos. De 1996 a 1998, foram depositados R\$ 10 milhões no Banco de Brasília. Metade desse dinheiro os estudantes sacam quando completam a 4ª e a 8ª série. E a totalidade quando terminam o 2º grau.

“Será uma economia que não compensa. Tem de acabar essa idéia de que o Estado tem de dar as coisas. É uma medida clientelista e que não forma consciência de cidadão”, diz a socióloga Nair Heloísa Bicalho de Sousa.

“O grande mérito da bolsa-escola era permitir que a família administrasse o dinheiro conforme suas necessidades. Não basta dar a mochila, a meia e a cesta. A família vai precisar também do sabão para lavar o uniforme do filho.”

DISTRIBUIR COMIDA CRIA DEPENDÊNCIA

Se em vez de cesta fosse entregue dinheiro, daria para comprar muito mais calorias, diz pesquisadora

Trocar um programa como o Bolsa-Escola por outro, que entrega cestas de alimentos e material escolar, não seria medida acertada. A pesquisa *Combinando Compensatório e Redistributivo: o Desafio das Políticas Sociais no Brasil* demonstra que a distribuição de comida não melhora a vida de quem a recebe. “E se cria uma relação de dependência com o governo. Um estigma assustador, que faz a pessoa se sentir diminuída”, explica a autora da pesquisa, a economista Lena Lavinas, do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea).

O estudo conclui que, se todos os beneficiados da cesta básica do Programa de Distribuição Emergencial de Alimentos (Prodea), do governo federal, recebessem em dinheiro o valor da cesta, poderiam ter acesso a 24% mais de calorias. Quem recebe o recurso pode baratear a compra dos alimentos, procurando por ofertas ou os produtos com preço menor de acordo com a época do ano. “A distribuição de cestas ainda tem o problema de desvio. É muita gente envolvida e sempre ocorre o desvio, o apadrinhamento. E a cesta acaba indo parar em famílias que não precisam”, diz o economista José Luiz Pagnassat, professor da Universidade Católica de Brasília (UCB).

() O valor do kit escolar da 5ª a 8ª série foi pesquisado na ABC Papelaria e contém: 1 apontador, 1 borracha bicolor, 2 borrachas brancas, 1 caderno cartográfico (48 folhas), 3 cadernos universitários de 96 folhas, 4 canetas esferográficas, canetinhas hidrocor de (12 unidades), 1 tubo de cola branca pequeno, 2 esquadros de 45 graus e outro de 60, 1 rolo de fita crepe, 1 durex, 2 tubos de grafite 1.6, 1 caixa de lápis de cor (12 unidades), 6 lápis pretos, 1 lapiseira, 1 régua de 30 cm e 1 transferidor de 180 graus. (**) O preço do uniforme escolar (camiseta, bermuda, calça, casaco, um par de meias e tênis) foi pesquisado na Casa do Colegial e, para efeito de cálculo, levou-se em consideração a numeração acima de 12 anos — peças com preço um pouco maior.*